

# folha de rosto

Revista de Biblioteconomia e Ciência da Informação

## Diálogos Culturais: a educação formal e informal no Sítio Minguiriba

Francisca Eugenia Gomes Duarte  
Ariluci Goes Elliot

ARTIGO

### Resumo

O objetivo geral da pesquisa é contribuir para a valorização das memórias e da educação no Sítio Serra da Minguiriba, a partir do levantamento de registros orais e visuais produzidos pela comunidade. Neste contexto, buscou-se atender aos objetivos específicos de investigar as práticas educativas no sítio Serra da Minguiriba, Floresta Nacional do Araripe, Crato-Ceará, Brasil; identificar o repertório memorialístico em torno da educação formal e informal na comunidade Minguiriba, a partir de relatos orais, escritos e visuais dos testemunhos vivos do grupo; registrar em suporte fílmico um documentário memorialístico que evidencie a história, a memória e os aspectos identitários da comunidade minguibireNSE como produto final da pesquisa. Para tanto, utilizamo-nos da metodologia da história oral, tendo como suporte leituras bibliográficas, observação, documentos orais, escritos e visuais e relatos dos moradores, obtidos através de entrevistas filmadas, gravadas, transcritas, editadas e compiladas em um suporte fílmico: um documentário, resultado da pesquisa.

**Palavras-chave:** Educação. Memória. Identidade. Comunidade Minguiriba.

### Cultural dialogues: formal and informal education in Sítio Minguiriba

#### Abstract

The general objective of the research is to contribute to the valorization of memories and education in Sítio Serra da Minguiriba, based on the collection of oral and visual records produced by the community. In this context, we sought to meet the specific objectives of investigating educational practices in the Sítio Serra da Minguiriba, Araripe National Forest, Crato-Ceará, Brazil; to identify the memorialistic repertoire around formal and informal education in the Minguiriba community, based on oral, written and visual reports of the living testimonies of the group; to register in film support a memorialistic documentary that evidences the history, memory and identity aspects of the Minguibiran community as the final product of the research. In order to do so, we use oral history methodology, with bibliographical readings, observation, oral, written and visual documents and residents' reports obtained through interviews filmed, recorded, transcribed, edited and compiled in a film support: documentary, research result.

**Keywords:** Education. Memory. Identity. Minguiriba Community.

## 1 Introdução

O presente artigo é um recorte de pesquisa realizada e apresentada ao Mestrado Profissional em Biblioteconomia, da Universidade Federal do Cariri, na qual utilizamos a metodologia da história oral e registramos fatos ocorridos e testemunhados pelos moradores do Sítio Serra da Minguiriba, situado na Floresta Nacional do Araripe, Crato, Ceará, Brasil, relativos aos saberes compartilhados pela memória coletiva da comunidade.

Uma das preocupações detectadas nos diálogos com os moradores do Sítio Serra da Minguiriba, tanto no passado quando no presente, é a educação. Dentre estes discursos fizemos o seguinte recorte, buscando contribuir com o processo de reconhecimento identitário e cultural da localidade, ao reconstituirmos nesse artigo a história das práticas educativas rurais no sítio Minguiriba, tanto no aspecto formal, quanto informal. O registro realizado permite a reflexão e a ação interventiva através de ações que contribuam para o desenvolvimento de projetos educativos que venham a melhorar a qualidade da vida no campo.

Nossa pesquisa é relevante por trazer à luz informações antes desconhecidas pela memória social e evidenciar fatos relativos à história através das reminiscências de um povo que antes poderíamos considerar “invisível”. Os diálogos realizados possibilitaram o registro e a criação de arquivos orais que serão em breve disponibilizados ao acesso público. Dessa forma buscamos proteger e propagar conhecimentos históricos antes conservados apenas na memória coletiva da comunidade e evitamos que estes se percam na mortalidade de suas bibliotecas vivas<sup>1</sup>. Nossa motivação vem da nossa responsabilidade pessoal, profissional e social enquanto aluna do Mestrado em Biblioteconomia da UFCA e professora da Universidade Regional do Cariri.

Assim, levantamos como questão geral para o propósito desse estudo, no caso do universo com o qual pretendemos dialogar: Qual o repertório de saberes e conhecimentos mobilizados dentro do universo rural do sítio Minguiriba – Floresta Nacional do Araripe – Crato – CE – Brasil, no que concerne as manifestações presentes nas práticas educativas da comunidade?

O objetivo geral da pesquisa, da qual extraímos este recorte, é contribuir para a valorização das memórias e das tradições religiosas do Sítio Minguiriba, a partir do levantamento de registros orais e visuais produzidos pela comunidade. Como objetivos específicos buscou investigar as práticas de representação oral com foco nas festas religiosas realizadas no sítio Minguiriba; identificar o repertório memorialístico em torno das festas religiosas, presente nas práticas cotidianas da comunidade rural do Sítio Minguiriba - Floresta Nacional do Araripe, a partir de relatos orais, escritos e visuais dos testemunhos vivos do grupo; registrar os aspectos identitários da comunidade e documentar em suporte fílmico (documentário) a memória e as práticas religiosas da comunidade minguiribense como produto final da pesquisa.

## 2 Procedimentos Metodológicos

O seguinte estudo foi realizado através da metodologia da história oral considerada por Vasconcelos e Queiróz (2014, p. 105) como “[...] uma trilha interessante por permitir o conhecimento e registro das diversas possibilidades que se manifestam no cotidiano das pessoas de todas as classes sociais, principalmente, dos grupos populares”. A pesquisa em questão se utilizou da observação sistemática / participante/ individual, onde o objeto foi analisado em campo. Realizamos a coleta de dados através de entrevistas semiestruturadas que nos forneceram os subsídios necessários para a investigação, pois com a coleta dos depoimentos fizemos o registro das informações orais (em áudio e vídeo), que foram transcritas e constituíram um arquivo da memória oral.

A observação em campo envolveu 100% das famílias da comunidade. Foram entrevistados 18 moradores do *corpus* local constituído por 87 grupos familiares com idades superiores a 50 anos. Quanto aos aspectos éticos, respeitamos a integralidade dos direitos dos atores sociais envolvidos e as suas relações com a sociedade, os entrevistados e participantes foram informados do teor científico e metodológico da pesquisa em questão e assinaram um Termo de Consentimento Livre e Esclarecido que teve por finalidade possibilitar aos moradores envolvidos na pesquisa, o mais amplo esclarecimento sobre a investigação realizada. As participações foram manifestações livres e conscientes e fizeram a liberação das imagens, opiniões e dos documentos (pessoais e de cunho histórico) apresentados, via registro formal, para a construção da pesquisa e do documentário.

No desenvolvimento utilizamos o método da história oral. Segundo Garnica (2004, p. 86) “[...] trata-se de uma metodologia qualitativa porque as pesquisas reconhecem: a transitoriedade dos seus resultados; a impossibilidade de uma hipótese *a priori*; a não neutralidade do pesquisador; a possibilidade de reconfiguração dos pressupostos da pesquisa e de estabelecer procedimentos sistemáticos, prévios, estáticos e generalistas”. Utilizamos as modalidades de estudos existentes (História Oral de Vida, História Oral Temática e Tradição Oral) que nos forneceram por meio das entrevistas, os subsídios necessários para a nossa investigação.

O procedimento empregado na seleção dos depoimentos foi o registro das informações orais em áudio e vídeo, a transcrição de fontes e a constituição de um arquivo oral. Focamos nossa atenção na história de vida, com destaque aos relatos sobre

<sup>1</sup> Ao falarmos em bibliotecas vivas nos referimos aos idosos que trazem consigo as memórias da comunidade.

as festas religiosas e em outras informações extraídas do repertório de oralidades, que serviram de suporte cultural e histórico, dentre estas, neste artigo, focalizamos o tema educação.

Como técnica de pesquisa adotamos a entrevista semidirigida, que “[...] é um meio termo entre a fala única da testemunha e o interrogatório direto” (MATOS; SENNA, 2011, p. 104). Elaboramos as primeiras perguntas com o objetivo de ganhar a confiança dos entrevistados, o que ajudou a conversa a fluir com naturalidade e os questionamentos foram facilmente respondidos. As questões permitiram aprofundar o tema escolhido e tivemos como meta principal a abordagem da história de vida dos moradores do Sítio Minguiriba, com perguntas flexíveis que foram refeitas quando necessário e nos serviram de guia para a coleta de dados.

O ambiente, as datas e o horário das entrevistas foram definidos pelos entrevistados. Cuidamos que não fossem realizadas em locais públicos, salvo em dia de festas religiosas quando, na oportunidade, entrevistamos alguns participantes frequentes dessas festividades, moradores antigos e recentes, como complemento informativo para os nossos registros. Seguimos o roteiro prévio de perguntas para evitar a fuga de foco e fizemos uma pergunta por vez. Evitamos perguntas de duplo sentido, interromper a fala do depoente, discordar do falante, induzir suas respostas ou completá-las com as nossas opiniões.

### 3 Resultados e Discussão

Oriundos dos Estados do Nordeste; Pernambuco, Alagoas, Rio Grande do Norte, Paraíba, etc. os primeiros moradores do Sítio Serra da Minguiriba, em fuga da seca que assolava o Nordeste no ano de 1904, vieram ao Cariri Cearense esperando encontrar na região opções que lhes garantissem melhores condições de vida e foram enviados para a chapada pelo Padre Cícero Romão Batista, porque, segundo diálogos com remanescentes dos romeiros, na “Serra da mãe de Deus” ninguém passava fome.

No Nordeste, encontramos no Cariri uma região paradisíaca, que mesmo nas secas mais fortes, permanece verde e atrai os mais distantes peregrinos. Devemos lembrar que é predominantemente nos tempos calamitosos da seca que os romeiros sentem chamados a rezar e a fazer penitência pelo perdão dos pecados e para que Deus envie a chuva (OLINDA; SILVA, 2016, p. 73).

Hoje em dia, os moradores da Comunidade Minguiriba, desconhecem a história que está por trás da palavra que nomeia a comunidade: “Minguiriba”. Pedro Honório, descendente dos romeiros que desbravaram a Chapada há mais de cem anos e fizeram dela seu lar, desvenda esse mistério dizendo que:

É porque nessa estrada aqui do Belmonte. Pra ir pra serra de Santontoin, aqui, passando da queimadinha era carrasco, era uma mata. Os rancheiro vinha com farinha em costa de burro e montado. Farinha pra levar pra juazeiro ou Crato. Quando sai da serra de Santontoin ou serra de taboca. Alcançava uma fuga pros animais ali, na minguiriba. Minguiriba grande, minguiriba grossa... fazia sombra e vinha prali. Aí os outros quando arrumava a carga que pegaro a transito pra essa Minguiriba. Essa, essa aqui mesmo, porque aí não tinha divisão nesse tempo não... Fulano onde tu vai botar abaixo, o comboio abaixo? Vou botar na minguiriba. Era a fuga. Foi gerado a Minguiriba, o nome Minguiriba por isso (Depoimento: Pedro Honório. Set. 2017).

Jorge Carlos de Melo se identifica dizendo: “Meu nome é Jorge Carlos de Melo. É... 87 anos. Eu nasci em 1930. Dia 2 de fevereiro. Some aí que eu acho que é por aí, 87, né? Aqui mesmo na chapada do Araripe, nas casinha de Paia, barreirinho de barro, panelinha de barro. (Depoimento: Seu Jorge. Out., 2017) e em poucas palavras resume traços importantes da comunidade minguibirense. Visualmente podemos perceber que, com o tempo as palhas foram substituídas por telhas e o barreiro por cisternas. Nos diálogos dos moradores fomos informados que a alimentação era baseada nos produtos agrícolas produzidos pela própria comunidade a partir do plantio de feijão, milho, andu e principalmente da mandioca e que a floresta contribuía com um dos mais preciosos bens culturais alimentícios da comunidade, o pequi, fruto típico que pode ser consumido em natura e na fabricação de óleo, usado para fins alimentício e medicinal.

O conhecimento das plantas nativas auxiliava os moradores da chapada nos tratamentos de saúdes. Havia ainda a caça dos animais silvestres. Seu Jorge lembra em meio ao depoimento da prática de caçar para comer, costume que é proibido pelo IBAMA atualmente. “Caçada de viado. A gente se juntava uma turma. Passou um viado acolá. Vamos botar nele. Ai um pegava um chocalho... Tum Aquele ia pra panela. Era quase direto. Não havia essa inquisição de IBAMA. Hoje, se falar disso ainda vem investigar o caba. (Depoimento: Seu Jorge. Out, 2017). Da flora era extraída também a madeira para o uso

doméstico e para a fabricação do carvão que podia ser vendida para carvoarias da cidade de Crato, usada para a fabricação de móveis e para a construção de casas. Os “caboclos” também sobreviviam da retirada do mel de abelha que tanto servia para o consumo próprio quanto para a venda na feira do Crato (ADERALDO, 1954; CAVALCANTE NETO, 2016; SILVA NETO, 2013). Estes são conhecimentos que fazem parte da educação informal da comunidade. Os conhecimentos passados de pai para filho, de geração em geração aliam-se a necessidade de que novas perspectivas de ensino fossem implantadas na comunidade que viessem a melhorar a qualidade de vida na localidade.

A falta de políticas públicas dificulta a vida na zona rural. Os moradores do Sítio Minguiriba precisam lutar diariamente pela sobrevivência. Sem assistência do governo enfrentam problemas de acesso a atendimento médico, falta de saneamento básico, educação, transportes públicos, lazer e até mesmo a religião. Como podem, buscam burlar as dificuldades e viver com dignidade na Chapada do Araripe. Esse repertório de vivências compõe o quadro educativo da comunidade. Embora este estudo traga referências às práticas de educação formal realizada nesta comunidade, consideremos relevante trazer para o contexto a seguinte citação:

Temos afirmado que a especificidade da Educação do Campo está no campo (nos processos de trabalho, na cultura, nas lutas sociais e seus sujeitos concretos) antes que na educação, mas essa compreensão já supõe uma determinada concepção de educação: a que considera a materialidade da vida dos sujeitos e as contradições da realidade como base da construção de um projeto educativo, visando a uma formação que nelas incida. A realidade do campo constitui-se, pois, na particularidade dada pela vida real dos sujeitos, ponto de partida e de chegada, dos processos educativos. Todavia, seu horizonte não se fixa na particularidade, mas busca uma universalidade histórica socialmente possível (CALDART; PEREIRA; ALENTEJANO; GAUDÊNCIO; FRIGOTO, 2013, p. 14).

Tendo em mente esta reflexão, fizemos o recorte dos dados coletados na investigação realizada na comunidade rural do sítio Minguiriba, à respeito da educação na localidade desde o passado até os dias atuais, considerando relatos pertinentes à formação da comunidade que nos permitiram fazer a reconstituição da história local, sendo o foco neste artigo o tema educação.

### 3.1 A educação no Sítio Serra da Minguiriba

A educação é uma das principais preocupações, presentes tanto no passado quanto atualmente na comunidade, fato denotado em todas as entrevistas. A família de Pedro Honório desde a época do povoamento do sítio, busca um meio de educar os moradores, porém, a inexistência de escolas e de profissionais capacitados tornavam ainda mais difícil o acesso ao saber.

Neste contexto concordamos com Moraes (2008) quanto à afirmação de ser a família formadora de identidades, pois, é a sua atuação quanto ao incentivo à educação das crianças, que determina o tipo de adulto em que estas se transformarão. Vemos nos relatos dos moradores que a falta de possibilidade de um estilo de vida diferente deve-se ao fato de não terem tido a oportunidade de estudar. Tanto pelas dificuldades existentes no passado, quanto na decisão dos próprios pais de não permitirem que os filhos tivessem acesso à educação, principalmente as meninas. Pela falta de informação chegavam a achar que aprender a ler e a escrever, de alguma forma seria um fator negativo para a vida das filhas. Dona Zefinha conta que o pai começou a ensiná-la. “Pai começou. Pai era veí lento. Depois disse: - eu não vou lhe ensinar mais não pra você não escrever pra os rapazes.” É perceptível a frustração de Dona Izaura quando fala sobre o mesmo assunto:

O que eu ainda desejava era estudo. Porque toda vida minha cabeça era pra estudar, mas os véi não deixaro. Deixaro não. Meu padim mesmo dizia: - Cumpade Miguel, eu não tenho herança pra deixar pra Isaura. (Ele se mostrava que queria bem a mim e o povo dizia que ele queria bem a mim) - Mas eu tenho estudo pra dar a ela. Mas ... pai toda vida era, com as filha tudim, tudo trabalhando, tudo trabalhando ali nessa Queimadinha. (Depoimento: D. Izaura, dez, 2017).

No discurso dos membros da família Honório percebemos a preocupação com a educação. Os pais de Pedro Honório lutam contra o analfabetismo na comunidade chegaram a enviar um dos filhos para estudar na cidade e, com a continuidade, criaram escolas na própria residência. Conta seu Pedro que:

Não existia escola naquela época. Em 1935, foi que meu pai, meu tio e meu avô mesmo, foi que conseguiram uma escolinha aí paga pela prefeitura. Mas, professora deplomada, era professora boa. Aí Começou no ano de 1934 e no ano de 1935 e foi se embora. [...] Eu mesmo vim aprender a assinar o meu nome depois que casei. [...] Riscava o nome aqui... e eu e o meu cumpadre Antonio nada nada, um espírito aleijão. Depois que

eu me casei foi que o meu sogro me ensinou uma matemáticazinha num viu fazer conta ali, né? Naquela ficou. (Depoimento de Pedro Honório, set, 2017).

A educação formal e informal dependia e depende das condições da família. No passado as condições financeiras não foram favoráveis a que os filhos dos agricultores fugissem do estigma de serem reconhecidos e se reconhecerem como “analfabetos”. Os filhos de Pedro Honório, tiveram melhor sorte, porém tinham que dividir o tempo entre as atividades da roça e a escola. Maria Honório, líder política e religiosa da comunidade Minguiriba, traz para o discurso, em tom de mágoa, a memória do tempo de estudo, quando os afazeres da roça eram mais importantes que a escola. Conta que chegou a apanhar do pai por fugir da roça para poder estudar. Tinha como motivação a vontade de aprender a ler para poder tirar as renovações na comunidade. Tarefa que iniciou ainda criança e desempenha até os dias de hoje. Já o pouco estudo de sua irmã Rosa que cursou até a 4ª série, lhe rendeu o emprego de professora do município, atuante por algum tempo na comunidade. Largou a profissão quando se casou e precisou mudar para outra cidade. Conta Rosa:

Ainda dei umar lição. Né? Adorei. Muita gente aprendeu. Na casa de papai. 25 alunos. 25 crianças. Mundim ali, mundim de Suzete também. Aprendeu comigo também. Quase todo mundo por aqui foi eu que ensinei. O que eu aprendi, né? até a quarta série.

Ele disse: - Pedro pra gente botar uma escolinha aqui em casa pra Rosa ensinar.

Aí ele disse: - Pedro eu vi aqui na tua casa pra mim falar... falar com você que é pra Rosa, é... dar. Pra gente é... butar uma escolinha aqui em casa pra Rosa ensinar, orientar, Muita criança ai sem estudar.

Aí papai foi e falou e disse assim. - Seu Zé, não dar pra ela ensinar não, porque ela é da roça, ela é da roça, ela é da roça!

Ele disse: - Não Pedro, mas não deve aproveitar só roça não, deve aproveitar os estudos também. Tanta criança aí sem estudar, sem nada.

Aí ele disse: - Rosa, tu ensina?

Eu disse: - Seu Zé, eu não sei não, não aprendi quase nada não.

- Que série você fez.

Eu digo: - A 4ª.

- Tá bom demais. Se fosse a primeira tava bom, jamais a 4ª.

Aí papai: - Seu zé, mas ela é da Roça.

- Não, Pedro. Vamos fazer assim: ela trabalha meio dia, aí a tarde ela ensina essas crianças. Muita criança.

Aí, papai concordou. (Depoimento: Rosa, Set, 2017)

A narrativa nos lembra o ditado que diz “em terra de cego quem tem um olho é rei”. Rosa contribui com o pouco conhecimento adquirido e como professora alfabetizou muitos crianças do Minguiriba. Mesmo na cidade de Crato o acesso à educação era difícil. Havia poucas escolas. A maioria fundada pela igreja católica. Segundo Vasconcelos e Queiróz ([2009?]), foram criadas em:

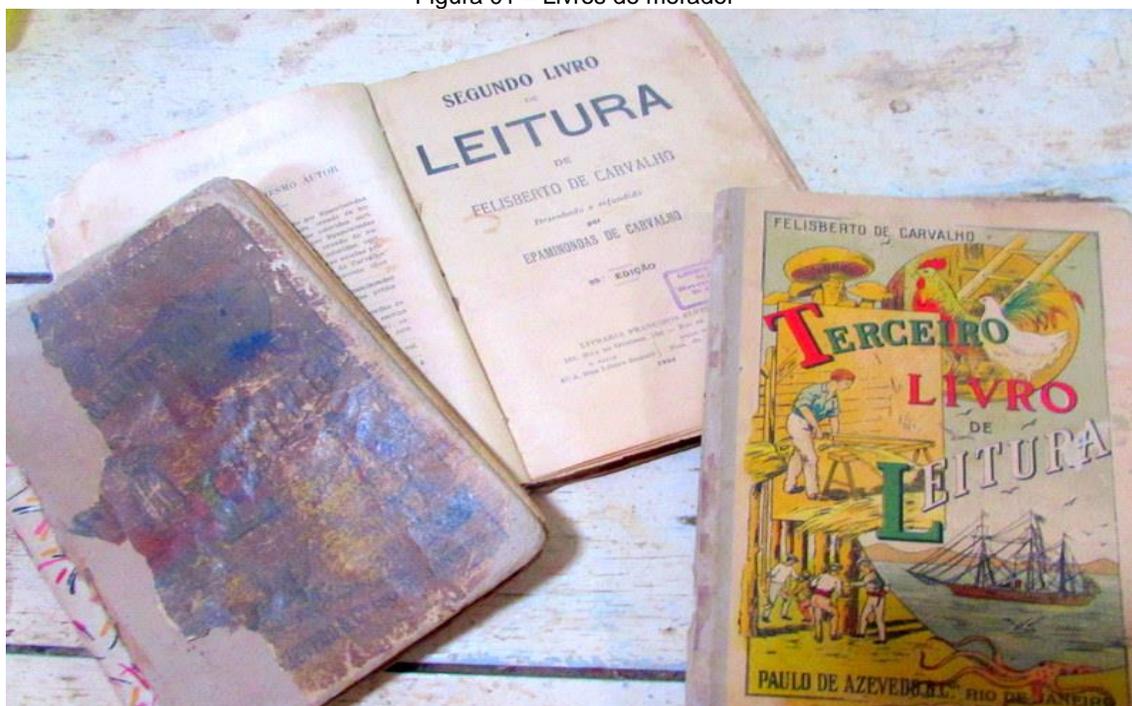
- 1918: Escola Técnica de Comércio do Crato, de caráter privado;
- 1922: Escola de Ensino Fundamental D. Quintino;
- 1923: Colégio Santa Tereza de Jesus;
- 1927: Colégio Diocesano do Crato

Após a criação desses estabelecimentos de ensino, somente 12 anos depois a cidade passa a sediar novas escolas. Sendo somente uma destas escolas pública, muitos estudantes recorriam ao ensino particular, quando as famílias podiam pagar. Pedro Honório pede permissão para trazer o seu irmão falecido para história e conta:

O meu irmão mais velho, peraiinda, eu vou botar ele dentro da história, o meu irmão mais velho e o primo mais velho foru pra casa de um tio estudar no lameiro. Professor vei, bom finado Francisco de Macedo. Quando passaro o resto do ano de 35, eles viero simbora e não foru mais. Riscava o nome aqui... e eu e o meu cumpadre Antonio nada nada, um espírito aleijão. Depois que eu me casei foi que o meu sogro me ensinou uma matemáticazinha num viu fazer conta ali, né? Naquela ficou. Ali, viu? nessa compra desse metro pra tu ainda vieram atrás de conta. Eu digo: eu tô surdo! (Depoimento de Pedro Honório).

A memória do irmão estudante é compartilhada com a irmã Lourdes que guarda com carinho até os dias de hoje as “cartilhas” onde o irmão estudou. Os livros foram guardados pelo falecido com todo o zelo até o final da vida.

Figura 01 – Livros de morador



Fonte: Arquivo da pesquisa (2017).

Em consideração ao carinho dos irmãos pelos livros, dona Lourdes os protegeu do pó e das traças mantendo-os em saco plástico e foi com muito orgulho que nos mostrou e nos vendeu para que continuássemos a protegê-lo, pois considera “os livros de Cabral” muito valiosos.

Um outro irmão de Lourdes e Pedro Honório, o falecido Antônio Honório, considerado rico por outros moradores, doou um pedaço de terra na década de 1970 para que o prefeito da cidade de Crato construísse uma escola na localidade em um acordo verbal, costume da época, sem nenhuma segurança amparada por lei. Na época, uma casinha de palha servia de espaço para a escola onde muitas crianças estudaram. Inferimos que o interesse denotado na vontade de estudar manifestadas nos jovens da família tenha motivado a família a continuar a luta pela implantação de uma escola local.

Vinhero projetar aqui uma escolinha aqui, antes do Walter Peixoto, Não tem esse grupo aí? Foi ele que fez. Antes do Walter Peixoto, Zé Araújo ajeitou uma professora que ela vinha de pés [...] ensinar uma tropa de menino aí antes do Na minha casinha de palha aí, nessa sede. Ela vinha de a pés, 6 km... 1 légua. Todo dia ela vinha meio dia, a tarde, depois que ela almoçava lá ela vinha. aí O Walter Peixoto fez esse grupo e aí chamou tudo praí. Foi aí onde uma criança... não ficou muito aleijão, né? Eu mesmo vim aprender a assinar o meu nome depois que casei. Não tinha prefeito não, não tinha governo não. (Depoimento: Pedro Honório. Set. 2017).

A escola Antônio Honório foi construída no governo de Walter Peixoto em terreno doado verbalmente pelo dono das terras, sem que ficasse nenhum registro legal de doação para os futuros herdeiros. A prefeitura colocou alguns professores para dar aulas na localidade, porém, segundo depoimentos, o número de alunos não era suficiente para manter a escola funcionando e esta foi fechada e os alunos foram transferidos para outras escolas de Crato.

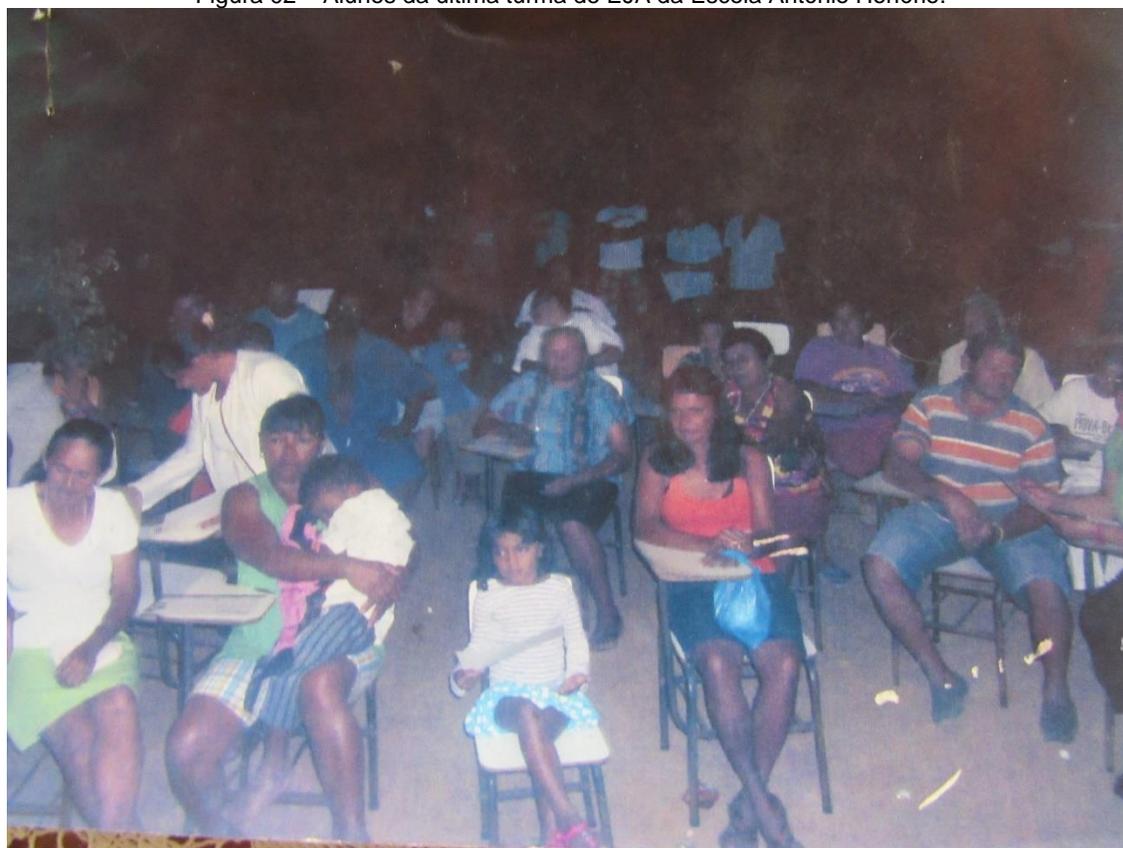
A professora e líder comunitária Cícera, contratada pela prefeitura, formou uma turma do Ensino de Jovens e Adultos (EJA), que funcionou na escola no ano de 2012, porém, devido a problemas de relacionamento entre lideranças, professora e alunos resolveram construir uma sala de taipa no terreno de sua propriedade onde tiveram aulas no ano de 2013 e 2014, na oportunidade muitos alunos adultos foram alfabetizados e uma turma de EJA foi concluída com a festa de formatura no final do curso.

Eu montei uma escola de adulto. E nessa montagem da escola de adultos, fui no censo e cadastrei todos os alunos que estudavam. Era a minha sala... Eu fiz duas salas. Uma pra uma menina que já era formada aqui. A sala minha tinha 35 alunos. Eu tenho tudo filmado ali. E nesses 35 alunos eu vi que a maioria não sabia assinar o nome. E ai foi que eu fui conversando, dando as aulas, explicando. Hoje todo mundo sabe assinar o nome. Pouca gente é que não sabe. Só aqueles que não quis mesmo e não foi. (Depoimento Cícera líder. Dez, 2017).

Muitos dos moradores com o qual tivemos contato trouxeram para as suas falas a participação, como alunos, no projeto de ensino da professora Cícera. Outras ações educativas foram desenvolvidas e realizadas junto aos alunos da turma de Jovens e Adultos. Dentre estas um projeto de cunho cultural viabilizado em parceria com a ACB. A líder comunitária nos conta que

O Projeto Mova Brasil, que era de Paulo Freire, eles trabalhavam na mobilidade, e nessa mobilidade eu fiz uma feira cultural na casa de seu Raimundo ali. Pedi as barracas emprestadas com a ACB. A ACB também foi uma parceira nossa. E a gente montou... Eu fui... trabalhei o ano todim pra mim ver o que as pessoas sabia fazer. Cada um sabia fazer uma coisa diferente, bonita. Uns artesão bonito. Nós botemo uma exposição [...]. Tem gente que sabe fazer cesta, outro sabe bordar, boneca, faz o bolo de puba de primeira, cequiho. Na comunidade tem muita gente que sabe trabalhar no artesanato o muito bem. (Depoimento Cícera líder. Dez, 2017).

Figura 02 – Alunos da última turma de EJA da Escola Antônio Honório.



Fonte: Imagem cedida por Cícera Lopes.

Infelizmente o contrato da professora não foi renovado e muitos alunos adultos perderam a oportunidade de dar continuidade ao sonhado plano de estudar. O prédio da escola foi abandonado. Os alunos foram distribuídos nas escolas da zona urbana. Um dia alguém precisou de portas foi lá e pegou. Parece ter a atitude servido de sinal para que outros se sentissem no direito de levar as pias, torneiras, sanitários e fios da instalação elétrica. Logo as telhas e a madeira já não se viam e, finalmente foram derrubadas as paredes.

Figura 03 – Escola Antônio Honório



Fonte: arquivo da pesquisa (2017).

Embora a questão do analfabetismo tenha mudado um pouco; o acesso às escolas, mesmo com dificuldades têm modificado a maneira de ser dos moradores mais jovens, que mudam do campo para a cidade em busca de melhores oportunidades de emprego. No Sítio Minguiriba, acesso à educação se limita ao Ensino Médio. De acordo com as informações do cadastro realizado pela agente de saúde, nenhum morador local cursa o Ensino Superior. Temos consciência da gravidade da situação e da necessidade de que haja uma escola no Sítio Serra da Minguiriba e esperamos que os governantes revertam o quadro atual para que as crianças, jovens e adultos possam, enfim, ter acesso aos direitos que lhe são garantidos por lei; e que não seja somente a educação familiar, baseada em virtudes e na moral, responsável pela formação da comunidade e que além de honestas, educadas e felizes com o próprio estilo de vida essas pessoas possam ter, por meio da educação formal, condições de transformar suas vidas e por fim trazer melhorias para a comunidade em que estão inseridas.

## 4 Considerações Finais

A história oral como prática social contribui para a propagação da informação e possibilita melhor compreensão acerca da cultura, da memória e da identidade de comunidades rurais como a que reside no Sítio Serra da Minguiriba. Para isso coletamos narrativas orais, reais e/ou imaginárias do seio do povo e extraímos das memórias dos idosos a história da comunidade, incluindo práticas relativas à educação, economia, lazer, política, religião etc. como forma de evitar que esses conhecimentos se perdessem na mortalidade dos seus moradores e fossem esquecidos e apagados da história da nossa região.

Nos relatos podemos constatar que a comunidade Minguiriba, com mais de 100 anos de existência, é composta por um povo forte e sábio cujo conhecimento os tornou vencedores perante os infortúnios de se enfrentar os desafios por viver em contato com o selvagem em meio a uma floresta virgem habitada por animais silvestres, com difícil acesso à água e a comida.

A educação formal almejada desde os mais remotos tempos, encontra dificuldades de se estabelecer no meio rural onde, no passado, os moradores precisaram mudar-se para os grandes centros em busca da oportunidade de frequentar a escola. As famílias se organizaram e montaram em seus lares salas de ensino onde jovens com pouco preparo acadêmico faziam às vezes de professoras e compartilhavam com os outros os poucos conhecimentos que haviam adquirido. O que salvou alguns do fantasma do analfabetismo total e prospectou, para os dias de hoje, a presença de líderes atuantes e moradores participativos no contexto político local.

No contexto atual, a educação ainda não foi implantada de forma consistente em solo minguibirenses. Crianças e jovens são atendidos pelo ensino público distante de suas residências dependendo de ônibus e da vontade dos governantes, pois, há épocas que o transporte escolar não aparece. Nas informações prestadas pelas fontes consultadas constaram que nenhum aluno da localidade cursava o ensino superior, porém, abrimos um parêntese para informar que, após o término de nossa pesquisa, encontramos uma estudante da localidade no curso de história da URCA, que, informalmente nos revelou haver outros moradores cursando o ensino superior sendo uma aluna no mesmo curso outra no curso de Pedagogia e alguns poucos, (não soube precisar quantos, nem o curso) estudando na UFCA. Consideramos importante citar estes dados que, em futuras pesquisas, poderão ser averiguados com maior precisão.

Segundo os diálogos com esses moradores, os políticos só se fazem presentes na comunidade em épocas de eleição. Nas entrevistas com a comunidade reverberam os pedidos pela implantação de uma escola local onde os professores venham atender a comunidade sem a necessidade de que crianças de colo e jovens saiam de suas casas diariamente, arriscando suas vidas em estradas movimentadas e perigosas. Nem precisem, na adolescência, deixar suas famílias para morar na cidade em busca de oportunidade de estudo que futuramente os favoreça no enquadramento no campo profissional, com acesso a oportunidades de emprego que lhes tragam melhor qualidade de vida.

Através da metodologia da história oral buscamos preservar a história e a memória da comunidade rural do Sítio Serra da Minguiriba, evidenciando os anseios da população em depoimentos gravados em áudio e vídeo, com o intuito de que estas informações reverberem e de alguma forma sejam veículo de mudanças que satisfaçam as necessidades dessa localidade rural. Estas informações vêm sendo apresentadas em eventos locais, regionais, nacionais e internacionais e dessa forma levamos mais longe a voz e a cultura dos minguibirenses.

## Referências

- ADERALDO, Mozart Soriano. **A Floresta Nacional do Araripe – Apodi**. Destinatário: Secretário da Agricultura e Obras Públicas. Fortaleza, 21 mar. 1954. 1 carta. Disponível em: <https://www.institutoceara.org.br/revista/Rev-apresentacao/RevPorAno/1958/1958-FlorestaNacionalAraripeApodi.pdf> Acesso em: 7 jul. 2017.
- AZEVEDO, Janaína. **Como realizar entrevista Oral**. 2013. Disponível em: <http://pt.slideshare.net/profjanaina/oficina-comorealizarentrevistahistoriaoral> Acesso em: 25 fev. 2015.
- CALDART, Roseli Salete; PEREIRA, Isabel Brasil; ALENTEJANO, Paulo; FRIGOTTO, Gaudêncio (Org.). **Dicionário da Educação do Campo**. 3.ed., 3 reimpr. Rio de Janeiro: Escola Politécnica de Saúde Joaquim Venâncio; São Paulo: Expressão Popular, 2013.
- CAVALCANTE NETO, João de Lira. **Padre Cícero: poder, fé e guerra no sertão**. Companhia das Letras. São Paulo, 2016.
- MATOS, Júlia Silevira; SENNA, Adriana Kivanski de. História oral como fonte: problemas e métodos. **Historiæ**, Rio Grande, v. 2, n. 1, p. 95-108, 2011. Disponível em: <https://periodicos.furg.br/hist/article/view/2395> Acesso em: 23 fev. 2018.
- GARNICA, Antônio Vicente Marafioti. História Oral e educação Matemática. In: BORBA, Marcelo Carvalho de; ARAÚJO, Jussara Loiola de. (Org.) **Pesquisa Qualitativa em Educação Matemática**. Belo Horizonte: Autêntica, 2004.
- MATOS, Júlia Silveira; SENNA, Adriana Kivanski de. História Oral como fonte: problemas e métodos. **Historiæ**, Rio Grande, v. 2, n. 1, p. 95-108, jan. 2011. Disponível em: <https://periodicos.furg.br/hist/article/view/2395/1286> Acesso em: 23 fev. 2018.
- MORAIS, Maria de Jesus. **“A acreanidade”**: invenção e reinvenção da identidade acreana. 2008. 300 f. Tese (Doutorado em Geografia) – Universidade Federal Fluminense, 2008.
- OLINDA, Ercília Maria Braga de; SILVA, Adriana Maria Simião da (Org.). **Vidas em Romaria**. EdUECE. Fortaleza, 2016.
- SILVA NETO, Basílio. **Perda da vegetação natural na Chapada do Araripe (1975/2007) no estado do Ceará**. 2013. 185 f. Tese (doutorado) - Instituto de Geociências e Ciências Exatas, Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, Marília, 2013. Disponível em: <http://hdl.handle.net/11449/104464> Acesso em: 05 dez. 2017.
- VASCONCELOS, Juscelândia Machado; QUEIROZ, Zuleide Fernandes de. É tempo de lembrar: resgatando a história da escola e a história de vida dos professores. In: NUNES, Cícera; OLIVEIRA, Francisca Clara de P.; NORONHA, Isabelle de L. A.; QUEIROZ, Zuleide Fernandes de (Org.). **Dialogando com os saberes da docência: pesquisas, teorias e práticas**. Recife: Linceu, 2014. v. 1, p. 102-113.
- VASCONCELOS, Juscelândia Machado; QUEIRÓZ, Zuleide Fernandes de. **Fontes para história educacional da cidade do Crato – CE**. [2009?]. Disponível em: <https://www.google.com.br/search?q=VASCONCELOS%2C+J.+M%3B+QUEIRÓZ%2C+Z.+F.+FONTES+PARA+HISTÓRIA+EDUCACIONAL+DA+CIDADE+DO+CRATO+—+CE&> Acesso em: 01 dez de 2017.

## Dados dos autores

### Francisca Eugenia Gomes Duarte

Mestra em Biblioteconomia pela Universidade Federal do Cariri (UFCA). Graduada em Letras pela Universidade Regional do Cariri (URCA). Atua como professora na Universidade Regional do Cariri.

[eugenia.duarte@urca.br](mailto:eugenia.duarte@urca.br)

Link para o Lattes: <http://lattes.cnpq.br/1243015698277856>

### Ariluci Goes Elliot

Professora do Curso de Biblioteconomia da Universidade Federal do Cariri (UFCA) e do Programa de Pós-Graduação em Biblioteconomia (PPGB/UFCA). Doutora do Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação da UNESP-Marília. Mestra do Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação da UFPB. Graduada em Biblioteconomia pela Universidade Federal do Ceará.

[ariluci.goes@ufca.edu.br](mailto:ariluci.goes@ufca.edu.br)

Link para o Lattes: <http://lattes.cnpq.br/9873581625743462>



Centro de Ciências Sociais Aplicadas  
Mestrado Profissional em Biblioteconomia

Este periódico é uma publicação do Programa de Pós-Graduação em Biblioteconomia da [Universidade Federal do Cariri](#) em formato digital e periodicidade semestral.